

Universidade Federal de São Carlos
Pró Reitoria de Pós Graduação
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós Graduação em Gestão da Clínica

Plano de autoavaliação do PPGGC

1. Contexto

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que se encontra em vigor, foi publicado em março de 2014 e traz em suas Diretrizes Gerais, a necessidade de se

“instituir um sistema de avaliação institucional amplo e permanente que contemple a consistência dos parâmetros definidos de acordo com os princípios do Plano de Desenvolvimento Institucional, desde a avaliação dos estudantes, das disciplinas, da atividade docente, técnica e administrativa, até a avaliação do impacto das diferentes atividades na Universidade e na sociedade contemporânea.”

Especificamente sobre os Programas de Pós-Graduação, o PDI se propõe, em suas Diretrizes Específicas relacionadas aos Processos de Formação, a

“definir e implementar uma política institucional de avaliação dos programas de pós-graduação (acadêmicos e profissionais) que considere, dentre outros aspectos, parâmetros internacionais de qualidade e os impactos na sociedade.”

Ainda no sentido de garantir os processos de avaliação institucional, o PDI reafirma, em suas Diretrizes Específicas relacionadas à Organização e Gestão, o compromisso de

“fortalecer a Comissão Própria de Avaliação (CPA), reavaliando suas funções e ampliando investimentos, com o objetivo de permitir que gerencie políticas e processos de avaliação e promova a interlocução entre as diferentes instâncias envolvidas nesses processos.”

Dialogando com as diretrizes do PDI, o Estatuto da UFSCar faz, em dois de seus artigos, menção aos processos de avaliação dos Programas de Pós-Graduação:

“Art. 19. Compete ao CoPG (Conselho de Pós-Graduação), além do que for disposto no Regimento Geral:

I - formular, aprovar, acompanhar e avaliar a política institucional de pós-graduação da Universidade, a partir da política institucional definida pelo ConsUni;”

“Art. 70. Os projetos pedagógicos dos cursos de graduação e de pós-graduação stricto sensu deverão ser periodicamente avaliados, respectivamente, pelo Conselho de Graduação e pelo Conselho de Pós-Graduação, conforme previsto nos regimentos gerais dos Cursos de Graduação e dos Programas de Pós-Graduação.”

É importante destacar a CPA/UFSCar como a responsável pela coordenação de processos internos de autoavaliação e pela realização de levantamentos de informações que identificam potencialidades e fragilidades. Assim, seus produtos contribuem com os processos de planejamento e gestão no sentido de qualificar o ensino, a pesquisa e a extensão. A avaliação institucional realizada pela CPA possui caráter educativo e está ancorada na missão da universidade; no entanto, até o presente momento, voltou o seu foco para a avaliação do ensino de Graduação, enquanto a Pós-Graduação seguiu sendo avaliada apenas externamente pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

O processo de avaliação externa realizado pela CAPES foi aprimorado em 2019, sendo que a autoavaliação dos programas foi incorporada à ficha de avaliação, no intuito de ter caráter formativo e contextualizado, bem como possibilitar o aprofundamento de análises de natureza qualitativa. A inclusão da autoavaliação pela CAPES segue uma tendência internacional que sinaliza que a autoavaliação dos programas de pós-graduação impacta na qualificação dos próprios programas. Como a proposta da CAPES é fazer com que a avaliação externa e a autoavaliação se articulem, as perguntas norteadoras sugeridas para o processo de autoavaliação dialogam com os critérios da ficha de avaliação externa (Brasil, 2019).

Com relação ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Clínica (PPGGC), ele está organizado segundo diretrizes para o desenvolvimento de currículos integrados, nos quais a articulação entre teoria e prática é um dos eixos estruturantes da proposta educacional. A maior parte das atividades de ensino são interdisciplinares e orientadas à identificação e resolução de problemas. Preponderantemente, são utilizadas metodologias ativas de ensino-aprendizagem (MAEA), que são fundamentadas nas teorias interacionistas, na aprendizagem significativa, na dialogia, na reflexão da

prática, na práxis e no método científico. O processo de avaliação no PPGGC, em consonância com as bases teóricas que adota para o processo ensino-aprendizagem, é critério-referenciado, tendo como base o perfil de competência. Todos os atores (pós-graduandos e docentes) avaliam e são avaliados. A avaliação formativa é realizada verbalmente ao final de cada atividade. A avaliação somativa do desempenho dos mestrandos nas atividades curriculares utilizam os conceitos: “satisfatório” ou “insatisfatório”. Os mestrandos autoavaliam sua aprendizagem e atuação no pequeno grupo, e também avaliam o desempenho de seus pares e dos docentes. Todos avaliam a atividade educacional e o programa. Os formatos de avaliação já existentes são quantitativos e qualitativos, permitindo uma especificação dos pontos fortes e dos aspectos a serem melhorados.

2. Referencial teórico

Teoria Geral de Sistemas e o Modelo Lógico

A teoria sistêmica surgiu em resposta aos anseios da comunidade científica que buscava uma teoria explicativa das semelhanças observadas nas diversas áreas do conhecimento, sem prejuízo das diferenças (Motta, 1971). O termo Teoria Geral dos Sistemas (TGS), foi cunhado por Ludwig Von Bertalanffy (1901–1972), que desde os idos de 1920 buscava um modelo científico que explicasse o comportamento dos organismos vivos (Von Bertalanffy, 1972).

Na TGS, Bertalanffy postulou que um sistema não é totalmente explicado apenas pelas partes que o compõem, mas também pelas interações das partes entre si e destas com o meio em que estão inseridas. Segundo o autor, a teoria foi formulada a partir do pensamento aristotélico de que “o todo é maior que a soma das partes” (Von Bertalanffy, 1972).

Ao definir sistema como um conjunto de elementos que se inter-relacionam entre si e com o meio ambiente, Bertalanffy os categoriza em dois tipos: aberto ou fechado. Sistemas abertos são aqueles em que as partes interagem com o meio exterior mediante a troca de energia e/ou informação. Visto dessa forma, uma célula, um animal, uma máquina, um ser humano, as sociedades podem ser considerados como sistemas

abertos. Em sistemas fechados, essas interações não ocorrem, nada entra ou sai do sistema (Frye & Hemmer, 2012).

TGS abraça a ideia de que a mudança é uma parte inerente de um sistema. Para Bertalanffy, ter um sistema em equilíbrio significa que nada está mudando e, de fato, poderia até representar um que está morrendo. Um sistema aberto está em constante mudança na medida em que as interações ocorrem constantemente. Ainda assim, um sistema aberto também pode entrar em um estado estacionário visando a manutenção de seu equilíbrio. Nesse caso, os elementos e as inter-relações, mesmo estando em equilíbrio, permanecem ativos (Frye & Hemmer, 2012).

A TGS, inicialmente aplicada à biologia, se tornou alvo de estudo de vários pesquisadores de diferentes áreas, sendo aplicada a diversos campos do saber (Von Bertalanffy, 1972). No caso particular das ciências sociais e humanas, o modelo do sistema aberto tem revelado enormes potencialidades, quer pela sua abrangência, quer pela sua flexibilidade (Motta, 1971). O mesmo ocorrendo com a área da educação, onde a TGS vem sendo utilizada como referencial teórico tanto na elaboração como na avaliação de programas educacionais (Frye & Hemmer, 2012).

Acreditamos que a visão de um sistema aberto é consistente com o que ocorre em um programa educacional: um sistema aberto composto por elementos materiais e humanos interagindo em um contexto educativo, algumas vezes em estado estacionário, mas ainda assim, ativo; um sistema mutável e flexível, em que o resultado final pode ser alcançado a partir de diferentes pontos e de várias maneiras, como o processo individual de aquisição de competência por um estudante durante seu processo formativo (Frye & Hemmer, 2012).

O Modelo Lógico, ou estrutura lógica, é um método originário da teoria sistêmica. A influência da TGS nesse modelo pode ser observada na cuidadosa atenção dada às interrelações entre os componentes do programa e desses com o contexto (Frye & Hemmer, 2012). Trata-se de uma ferramenta utilizada para sistematizar e comunicar as relações causais existentes entre recursos disponíveis, atividades desempenhadas e resultados esperados de um projeto. Ele integra a descrição das ideias, das hipóteses e das expectativas que compõem a estrutura e o funcionamento esperado de um programa. O modelo lógico tem sido adotado com sucesso, como ferramenta de gestão e avaliação

de vários programas governamentais, incluindo avaliação de programas educacionais e de treinamento (Abbad *et al.*, 2012).

Os componentes do Modelo Lógico são: as entradas (inputs), atividades, saídas (outputs), resultados intermediários e resultados finais (outputs), assim como as hipóteses que suportam essas relações e as influências das variáveis relevantes de contexto.



Figura 1: Componentes do Modelo Lógico

A construção do modelo lógico provém de várias fontes: documentos oficiais do programa, legislação sobre o assunto, resultados de pesquisas prévias e experiência dos gestores, avaliadores e profissionais da área. Considera-se que a construção do modelo lógico de um programa é o primeiro passo para a realização de uma avaliação. Esse modelo quando aplicado aos processos avaliativos apresenta vantagens como potencializar o papel pedagógico da avaliação, funcionando como uma potente ferramenta de aprendizagem para coordenadores e beneficiários do programa; construir uma representação gráfica que facilita a comunicação dos objetivos e resultados do programa aos gestores e à sociedade; auxiliar na gestão eficaz do programa ao conectar as atividades desenvolvidas com os objetivos, recursos disponíveis e resultados esperados (Foundation WKK, 2004). Por todas essas vantagens, o modelo lógico tem sido adotado como ferramenta de avaliação de programas das mais diversas áreas (Abbad *et al.*, 2012).

Em síntese, o modelo lógico é uma forma sistemática e visual para apresentar, compreender e compartilhar as relações entre os recursos do programa (*input*) com as atividades planejadas que resultarão em produtos (*outputs*) que devem ser ligados às mudanças ou aos resultados esperados (*outcomes*). Pode ser aplicado a qualquer projeto ou programa, sendo indicado para o planejamento, a implementação, a gestão e a avaliação durante qualquer etapa de execução, desde a sua implementação até após o seu encerramento (de Castro Rocha, 2016).

3. Objetivo

O objetivo do presente plano é construir informações, a partir de diferentes fontes, que possibilitem reflexões acerca das potencialidades e fragilidades do PPGGC, no sentido de produzir a qualificação permanente do Programa.

4. Estratégias

O sistema de avaliação do PPGGC/UFSCar é composto por um conjunto de estratégias, que são desenvolvidas desde sua implantação, e está vinculado aos Sistemas de Avaliação da UFSCar. A abordagem da avaliação é formativa e somativa, com enfoques para o desenvolvimento dos pós-graduandos, dos professores e do Programa, assim como do ambiente de inserção profissional e do campo de pesquisa dos pós-graduandos.

A avaliação é realizada por todos os envolvidos nas atividades do Programa. Deve ser livre de medos e possibilitar que as pessoas expressem suas percepções, objetivando e exemplificando os aspectos considerados adequados e os que precisam ser melhorados, reformulados ou mesmo substituídos. O respeito e a responsabilidade nesse processo são fundamentais para a garantia de um clima de cooperação que visa a ética e a estética na operacionalização do PPGGC.

A avaliação é uma atividade permanente e constituinte do processo de desenvolvimento do pós-graduando e seu cenário de atuação profissional, da qualificação docente e da melhoria do PPGGC. Permite o acompanhamento desses processos, tornando visíveis avanços e dificuldades para promover ações de modo a melhorá-los, assim como a produtos e resultados.

4.1.1 Avaliação dos professores

O desempenho do facilitador e do orientador é avaliado pelos pós-graduandos, considerando-se a capacidade de favorecer o progresso pessoal, técnico e acadêmico, e apresentar atitudes coerentes com o seu papel. Uma síntese do desempenho de cada docente é formalizada em um documento escrito e entregue na secretaria do Programa ao final de cada Atividade Curricular (Anexo 1).

Para complementar a avaliação dos professores, será elaborado um formato em que o estudante avalie periodicamente o desempenho de seu orientador, em que a entrega seja semestral, a partir do final do segundo semestre, até o envio de artigo para publicação, sendo a identificação do avaliador opcional e as avaliações sempre formativas.

4.1.2 Avaliação das Atividades Curriculares e do Programa

As Atividades Curriculares (AC) são avaliadas pelos mestrandos e pelos docentes, em formulário próprio entregue à secretaria ao término da atividade AC (Anexo 2). A mesma subsidia a qualificação das respectivas AC e o planejamento das ofertas seguintes.

A avaliação do Programa deverá ser realizada pelos pós-graduandos, pelos docentes e pela gestão dos serviços onde estão inseridos profissionalmente os mestrandos ou do campo onde os mesmos desenvolvem seu trabalho de conclusão do mestrado. Para isso, será criado um formulário específico, que deverá ser preenchido e entregue ao final de cada ano letivo, sendo opcional a identificação do avaliador. O consolidado delas fundamentará as revisões e reformulações do Programa.

4.1.3 Avaliação do pós-graduando nas Atividades Curriculares

A avaliação do pós-graduando é critério-referenciada. O referencial é o perfil do egresso descrito no item 4.1.4 abaixo, ao qual se compara o desempenho observado proporcionalmente ao momento em que o avaliado se encontra entre o ingresso e a conclusão da sua formação.

A avaliação critério-referenciada desestimula a competição entre os avaliados e estabelece um diálogo mais adequado entre professores e pós-graduandos. Permite, ainda, que os avaliados conheçam os desempenhos considerados satisfatórios, orientando seu desenvolvimento e o acompanhamento de seu progresso em direção ao perfil de egresso desejado (item 4.1.4).

A avaliação formativa é orientada ao desenvolvimento técnico e acadêmico e realiza-se em processo. Utiliza a autoavaliação e a avaliação dos demais membros do grupo ou equipe de trabalho sobre o desempenho e atuação de cada um. Destina-se à

identificação de potencialidades e áreas que requerem atenção, no sentido da melhoria continuada do processo de progressão do mestrando.

Ao final de cada encontro educacional, cada participante da atividade, mediante diálogo entre os participantes, avalia a atividade, a si próprio e participação dos pares, oralmente. Esse tipo de avaliação potencializa o trabalho em equipe, a habilidade para fazer e receber crítica, e a autorreflexão pela melhoria individual e do trabalho coletivo. Será registrada no portfólio por cada mestrando.

A sistematização da avaliação do pós-graduando nas AC é realizada em dois formatos (Anexos 3 e 4), em que o pós-graduando se autoavalia e é avaliado pelo facilitador da AC.

Conforme previsto no Anexo 4, o deve manter um portfólio crítico-reflexivo acerca de sua trajetória dentro do PPGGC, o qual é avaliado de maneira somativa ao final da AC, podendo ser avaliado formativamente, por livre demanda, a qualquer momento.

Na avaliação somativa, avaliam-se os saberes e a prática acadêmica relacionados ao desempenho do mestrando e aos objetivos gerais do programa em relação a este desempenho. Essa avaliação destina-se à certificação do pós-graduando em relação à AC cursada.

4.1.4 Critérios de Avaliação

As avaliações escritas se concluem mediante a atribuição de conceitos. Nas avaliações formativas são atribuídos os conceitos satisfatório ou precisa melhorar. Nas avaliações somativas são atribuídos os conceitos satisfatório ou insatisfatório.

Os critérios de avaliação, no PPGGC-UFSCar, são referenciados em um perfil de competência orientado à Gestão do Cuidado e do Trabalho em saúde e à socialização e produção de conhecimentos voltados à melhoria das práticas em saúde, considerando a:

- i. Organização de redes de atenção à saúde que orientem o processo de cuidado às necessidades de saúde das pessoas, com integralidade e humanização;

- ii. Utilização de tecnologias de gestão para a articulação de processos assistenciais, segundo evidências científicas e princípios éticos, com regulação do acesso, segurança e qualidade;
- iii. Construção de uma cultura de educação e de avaliação voltadas à transformação das práticas em saúde.

O perfil de competência do PPGGC expressa a atuação desejada para o futuro mestre em Gestão da Clínica. Esse perfil foi construído de modo a explicitar as ações e as capacidades (que fundamentam as ações) a serem construídas para o desenvolvimento de competência. A concepção utilizada de competência é a holística e construtivista que implica a capacidade de mobilizar diferentes recursos para solucionar, com pertinência e sucesso, problemas da prática profissional, segundo o contexto. A mobilização e a combinação das capacidades cognitivas, atitudinais e psicomotoras, para realizar as ações da prática profissional, é traduzida em desempenhos, segundo critérios de excelência. Inicialmente, foram identificadas três áreas de competência que conformam o campo de atuação do mestre em Gestão da Clínica, sendo definidas como áreas a:

- i. Saúde: cuidado às necessidades de saúde individuais e coletivas;
- ii. Gestão: organização do trabalho em saúde;
- iii. Educação: socialização e geração de conhecimentos em saúde.

Para cada área, os desempenhos foram agrupados, por afinidade, em ações chave. Essas representam os respectivos processos de trabalho, fundamentados por uma racionalidade predominante: clínico-epidemiológica; político-estratégica e crítico-reflexiva. Os desempenhos representam as combinações de capacidades que possibilitam uma prática considerada competente pelos proponentes do programa. Essas combinações, segundo contexto e critérios de excelência ética, estética e científica, representam os critérios utilizados para a avaliação de competência dos mestrandos.

A área de concentração para o desenvolvimento desse perfil foi selecionada de modo a potencializar a articulação das três áreas de competência. Assim, a Gestão da Clínica foi definida como área de concentração do PPGGC. Segundo o perfil construído, a disseminação e geração de conhecimentos em gestão da clínica visa à melhoria da qualidade, eficiência, efetividade, eficácia e da segurança na atenção à saúde de pessoas e populações.

4.1.5 Critérios de certificação

A certificação em cada AC está condicionada à obtenção do conceito satisfatório na avaliação somativa e presença e participação em, no mínimo, 75% das atividades. A certificação no Programa condiciona-se à obtenção do conceito satisfatório nas avaliações somativas de todas as atividades do mesmo em que esse tipo de avaliação está previsto, e na presença e participação em, no mínimo, 75% de todas as atividades do Programa.

4.1.6 Trabalho de Conclusão de Curso

Ao longo da formação pós-graduada, o mestrando desenvolve um trabalho de pesquisa aplicada em seu próprio campo de atuação profissional apoiado por um docente no papel de orientador. Este trabalho passará por duas etapas de avaliação formativa e uma de avaliação somativa.

A primeira acontece no máximo ao final do primeiro ano, na forma de um seminário em que o mestrando apresenta seu projeto de trabalho de modo estruturado e sistematizado, o qual é qualificado formativamente por pelo menos dois docentes do PPGGC, além do orientador, e eventuais colegas ou convidados presentes ao seminário. Esta primeira etapa é avaliada oralmente, em caráter formativo por todos os presentes e é anotada pelo mestrando autor do projeto em seu portfólio.

A segunda configura a qualificação do trabalho de conclusão. Procede-se mediante a constituição formal de uma banca composta, no mínimo, pelo orientador, um docente do PPGGC e um docente da UFSCar externo ao PPGGC, no envio do texto da dissertação previamente à banca, na apresentação formal do trabalho em forma de seminário e na observância à consideração dos membros da banca sobre o material apresentado. Esta etapa acontecerá quando o trabalho estiver iniciando a análise dos dados. A avaliação aqui é somativa conforme descrito anteriormente.

A última etapa consiste na defesa pública da dissertação quando há avaliação somativa por uma banca prévia e formalmente constituída, pelo menos, pelo orientador, um docente do PPGGC e um docente externo à UFSCar. O texto da dissertação terá que ser enviado à banca com o mínimo de 30 dias de antecedência à data da defesa, a qual ocorrerá na forma de uma apresentação oral pública do trabalho de pesquisa.

A obtenção do diploma final de conclusão da formação pós-graduada está condicionada à obtenção do conceito satisfatório em todas as avaliações somativas previstas pelo Programa, à frequência de pelo menos 75% em todas as atividades de formação, ao depósito da dissertação final no repositório do sistema de Bibliotecas da UFSCar com a anuência do orientador, e ao envio de artigo científico para publicação com, no mínimo, o aceite do artigo pelo periódico para avaliação do material apresentado.

5. Método

Considerando as teorias relevantes para a construção de modelos de avaliação de programa educacional, utilizaremos a Teoria Geral dos Sistemas e Modelo Lógico como referenciais teóricos. Partimos do conceito de que um resultado não é explicado simplesmente pela observação de seus componentes, mas perpassa pelas relações entre os componentes, bem como pela interrelação entre eles e o ambiente (contexto). Nesse sentido, compactuamos da visão de que um programa educacional se compara à um sistema aberto, que em alguns momentos pode estar em estado estacionário, mas sempre ativo e dinâmico (Frye & Hemmer, 2012).

Consideramos que a abordagem do Programa de Autoavaliação do PPGGC, por meio do Modelo Lógico, permitirá estabelecer as correlações entre as ações empreendidas e os objetivos propostos pelo programa, além de fornecer outras informações essenciais às boas práticas de avaliação de programas educacionais. Propomos uma abordagem desenvolvida nas seguintes etapas: 1) Elaboração coletiva do modelo lógico coerente com os objetivos do programa; 2) Construção dos indicadores e instrumentos; 3) Aplicação dos instrumentos de avaliação; 4) Análise dos resultados obtidos; 5) Discussão coletiva dos resultados da Autoavaliação do Programa. O que se segue é um detalhamento de cada uma dessas etapas.

5.1 Construção do Modelo Lógico

Na elaboração do Modelo Lógico, serão empreendidas as seguintes etapas: 1) levantamento de dados relacionados ao programa; 2) análise documental; 3) definição e organização gráfica dos elementos do modelo lógico inicial (Versão 1); 4) investigação

das relações de causalidade entre os elementos do modelo; 5) discussão do modelo lógico junto aos participantes do programa; 6) validação do modelo lógico (Versão 2).

As etapas de 1 a 3 envolvem análises bibliográficas e documentais para a produção da primeira versão do modelo lógico com seus componentes, os produtos e resultados esperados a partir das atividades desenvolvidas no PPGGC. As etapas 5 e 6 envolvem um ciclo de oficinas realizadas com os docentes e discentes do programa para a discussão e validação do Modelo Lógico representativo do PPGGC.

5.2 Construção dos indicadores e instrumentos de avaliação

Indicadores de Programa medem os efeitos ou benefícios produzidos a partir das ações empreendidas no contexto do Programa. Assim, os produtos e serviços decorrentes de atividades desenvolvidas podem ser utilizados como indicadores para verificar se os resultados do Programa foram satisfatórios ou insatisfatórios.

Consideramos importante registrar que uma boa escolha de indicadores tem relação direta com o desenho do Programa, que deve definir com clareza o que se pretende entregar (ações) e alcançar (objetivo). Ao responder a esse questionamento estamos construindo os indicadores ou categorias de análise do Programa que podem ser entendidos como a decomposição da variável ou indicador global.

Neste plano, a escolha das dimensões e variáveis utilizadas na construção dos indicadores considera os objetivos do PPGGC, bem como a consistência desses objetivos com a capacidade de intervenção, materializada nas ações desenvolvidas pelo programa; a percepção do corpo docente e discente; os critérios de autoavaliação sugeridos pela CAPES. A medida de que o processo de autoavaliação se consolide, outros indicadores poderão emergir dos dados coletados e passar a compor os indicadores de avaliação do programa.

No quadro abaixo apresentamos a síntese das dimensões e variáveis a serem utilizadas no levantamento inicial de dados para a criação dos indicadores de qualidade do Programa. Esses serão os principais elementos, mas não necessariamente os únicos, utilizados nesse processo com o objetivo de gerar informações qualitativas e quantitativas sobre o programa.

Quadro 1: Dimensões e variáveis iniciais utilizadas na construção de instrumentos e indicadores de qualidade do programa

Dimensão	Variável
Proposta do Programa	<ul style="list-style-type: none"> - Objetivos - Proposta pedagógica e estrutura curricular - Linhas de pesquisa - Projetos desenvolvidos - Intercâmbios com outras instituições - Programa de avaliação docente e discente - Programa de Avaliação Institucional - Programa de Autoavaliação - Publicização e internacionalização - Acompanhamento do egresso
Estrutura administrativa e Infraestrutura	<ul style="list-style-type: none"> - Website com dados do programa - Recursos financeiros - Número de alunos - Número de funcionários técnico-administrativos - Sala para coordenação e secretaria: número e estrutura - Salas de aula: número e estrutura considerando a proposta pedagógica - Biblioteca: estrutura e bibliografia que atenda à proposta pedagógica

<p>Perfil docente</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Docentes credenciados: nº, titulação, área; tempo de formação, de atuação no programa e na UFSCAR - Nº de docentes permanentes/visitantes/colaboradores - Demografia (gênero, idade etc.) - Grau de envolvimento - Avaliação docente pelo discente - Critérios de avaliação discente - Atividades educacionais ministradas - Nº de orientandos
<p>Perfil Discente/Egresso</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Critérios de seleção para entrada - Demografia (idade, gênero, renda etc.) - Acompanhamento do egresso (renda, continuidade dos estudos, atuação profissional etc.) -Desempenho discente - Fluxo acadêmico (evasão, qualificação, defesa etc.) - Tempo de conclusão do curso - Participação de docente internos e externos nas bancas de defesa - Uso da biblioteca - Participação em projetos, grupos e redes de pesquisa -Participação em órgãos colegiados e comissões - Produção acadêmica
<p>Gestão</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Procedimentos para organização das disciplinas obrigatórias e eletivas - Monitoramento das atividades docentes e discentes - Orientação acadêmica para os ingressantes - Incentivo à qualificação e a produção acadêmica -Apoio à participação de eventos - Atendimento à comunidade acadêmica - Processos de avaliação da Gestão e do Programa

Produção Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> - Perfil de produção acadêmica docente - Perfil de produção acadêmica discente - Artigos ou capítulos publicados por docente permanente/ano - Oficinas realizadas por docente permanente/ano - Outras produções realizadas por docente permanente/ano
Inserção social	<ul style="list-style-type: none"> - Projetos de intervenção implementados na comunidade - Parcerias com organismos sociais ou governamentais na execução de projetos - Participação da comunidade na gestão do Programa e dos projetos - Projetos voltados para a realidade local

Atualmente o Programa já conta com os seguintes instrumentos de avaliação: Avaliação do facilitador (Anexo 1), Avaliação de Atividade Curricular (Anexo 2), Autoavaliação do estudante (Anexo 3) e Avaliação do estudante (Anexo 4). Esses instrumentos poderão ser revistos e novos poderão ser criados a partir das análises dos resultados obtidos. A concepção utilizada na elaboração de novos instrumentos de avaliação será traçada a partir das dimensões e variáveis citados no quadro 1, focalizando o aluno, o egresso, o corpo docente e a inserção social do programa.

5.3 Aplicação dos instrumentos de avaliação

Os instrumentos de avaliação serão aplicados semestralmente em formulários de papel ou online para obtenção de informações e dados sobre o programa.

5.4 Análise e frequência de coleta de dados

Os dados serão coletados anualmente utilizando os instrumentos de avaliação listados acima. Será construído um banco de dados a partir das informações dos questionários. As questões fechadas serão tabuladas a partir da frequência das respostas e as questões abertas, serão transcritas para posterior categorização. A Comissão responsável pela autoavaliação analisará todos os dados e construirá um relatório para divulgação à comunidade acadêmica.

Discussão coletiva dos resultados em Seminário de autoavaliação (Seminário integrador)									X
--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

7. Recursos

O PPGGC dispõe de recursos didáticos, de informática e de impressão para a produção do plano e dos instrumentos de avaliação. Também conta com uma biblioteca para a consulta a material bibliográfico e com acesso a bases de dados da Biblioteca Comunitária da universidade (BCo/UFSCar). Também contamos com apoio institucional para solicitar consultorias junto aos membros da Comissão Própria de Avaliação (CPA).

8. Equipe de implementação / responsabilidades

A equipe de implementação é composta pelos docentes Adriana Barbieri Feliciano, Aline Guerra Aquilante, Bernardino Geraldo Alves Souto, Mônica Vilchez da Silva e Sheyla Ribeiro Rocha; e pela Assistente Administrativa do PPGGC, Vanessa Müller. As responsabilidades assumidas por este Grupo de Trabalho (GT) são a elaboração e aprovação deste plano de auto avaliação, para que possa ser implementado. Posteriormente à implantação, o GT se responsabilizará pela elaboração de relatórios e pelo apoio à Coordenação para a realização de Seminários de autoavaliação (Seminário integrador).

9. Formas de disseminação dos resultados

Os resultados serão disseminados e validados, primeiramente, no Seminário de Autoavaliação (Seminário integrador), que contará com a participação de docentes e pós-graduandos. Posteriormente, serão disseminados no site do PPGGC.

10. Monitoramento do uso dos resultados

O monitoramento do uso dos resultados será realizado anualmente pela equipe de implementação, juntamente com a Coordenação e equipe de apoio (Assistente administrativo e estagiário). Produção de análise crítica das informações qualitativas e quantitativas geradas nas etapas anteriores; discussão e problematização das informações, identificando o rol de mudanças e inovações a serem implementadas subsidiando o planejamento estratégico; elaboração de relato descritivo contendo síntese de todo o processo de autoavaliação desenvolvido; divulgação do relato na página do Programa; postagem de informações a serem solicitadas no sistema CAPES.

Referências

AbbadGDS, Souza DBLD, LavalADS, Souza SCP. Modelos lógicos em avaliação de sistemas instrucionais: dois estudos de caso. Revista Psicologia Organizações e Trabalho 2012;12:185-201.

Brasil. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Autoavaliação de Programas de Pós-Graduação. Brasília, 2019. Disponível em:

https://www.capes.gov.br/images/novo_portal/documentos/DAV/avaliacao/10062019_Autoavalia%C3%A7%C3%A3o-de-Programas-de-P%C3%B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3o.pdf

de Castro Rocha FE. Modelo Lógico da Transferência de Tecnologia no Contexto da Avaliação de Programas. Livros 2016.

Foundation WKK.WK Kellogg Foundation logic model development guide.WK Kellogg Foundation; 2004.

Frye AW, Hemmer PA. Program evaluation models and related theories: AMEE guide no. 67. Medical teacher 2012;34(5):e288-e299.

Motta FCP. A teoria geral dos sistemas na teoria das organizações. Revista de Administração de Empresas 1971;11(1):17-33.

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Comissão Própria de Avaliação. Disponível em: <http://www.cpa.ufscar.br>.

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Estatuto. Disponível em: www.soc.ufscar.br/arquivos/regimentos/estatutoufscar_alterado.pdf.

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI. Versão Final aprovada pelo Conselho Universitário em 20/12/2013. São Carlos, março de 2014. Disponível em: [Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI Versão Final aprovada pelo Conselho Universitário em 20/12/2013](#).

Von Bertalanffy L. The history and status of general systems theory. *Academy of management journal* 1972;15(4):407-426.

Bibliografia Complementar

Santos-Filho SB. Avaliação e humanização em saúde: aproximações metodológicas. Ijuí: Ed. Unijuí; 2009.

Bosi MLM, Mercado FJ. Avaliação qualitativa de programas de saúde: enfoques emergentes. Petrópolis: Editora Vozes; 2006.

Anexos

Anexo 1 – Avaliação do facilitador

Atividade Curricular: _____

Avaliação de Desempenho do facilitador no processo de ensino-aprendizagem

Período: _____

Facilitador(a):
Estudante (identificação opcional):
1. Como foi a participação do facilitador nas atividades de pequeno grupo de aprendizagem? Justifique.
2. Como foi o cumprimento do pacto de trabalho por parte dos facilitadores? Justifique:
3. Recomendações e/ou sugestões:
Conceito Final: <input type="checkbox"/> Satisfatório <input type="checkbox"/> Insatisfatório

Anexo 2 – Avaliação da Atividade Curricular

Avaliação da Atividade: _____

Período: _____

Estudante (identificação opcional):

1. Avalie os disparadores: (Situação-problema, oficina, plenária, etc).			
Disparador “ _____ ”		Satisfatório	Insatisfatório
Disparador “ _____ ”		Satisfatório	Insatisfatório
Disparador “ _____ ”		Satisfatório	Insatisfatório
Disparador “ _____ ”		Satisfatório	Insatisfatório
Comentários:			
2. Avalie as fortalezas e fragilidades da atividade curricular. A Atividade Curricular atendeu a expectativa inicial? Justifique.			
3. Sugestões para melhoria da Atividade Curricular:			
Conceito Final: () Satisfatório () Insatisfatório			

Anexo 3 – Autoavaliação do estudante

Atividade Curricular: _____

Avaliação de Desempenho do Estudante no Processo de Ensino-Aprendizagem

Período: _____

Estudante: Facilitador:
1. Como tem sido a sua participação nas atividades de pequeno grupo de aprendizagem? Justifique.
2. Como tem sido o seu cumprimento do pacto de trabalho? Justifique:
3. Comentários do facilitador:
Conceito final: <input type="checkbox"/> Satisfatório <input type="checkbox"/> Insatisfatório
Assinatura e data:

Anexo 4 – Avaliação do estudante

Atividade Curricular: _____
Avaliação de Desempenho do Estudante no Processo de Ensino-Aprendizagem
Período: _____

Estudante: Facilitador:
1. Como tem sido a participação do estudante nas atividades de pequeno grupo de aprendizagem? Justifique.
2. Como tem sido o cumprimento do pacto de trabalho, por parte do estudante? Justifique:
3. Avaliação do portfólio do estudante:
4. Comentários do estudante:
Conceito final: <input type="checkbox"/> Satisfatório <input type="checkbox"/> Insatisfatório
Assinatura e data: